

1º Lugar

Pseudônimo: ALGUÉM

PRESENTE

Luiz Dias Bahia

FACE
MESTRADO EM ECONOMIA

Pior que um natal, só outro natal. É sempre assim. A mesma chuvinha aborrecida. Ruas vazias, amigos viajando, nenhum cinema decente. E um frio denso embaçando as janelas. Por toda parte, votos e votos de festa tão completa, que a expectativa nega a realidade. Acaba nesta melancolia, uma decepção em banho-maria. No mínimo, torço para o dia passar logo. Esta droga.

Triste mesmo, para completar o desgosto, é a ceia. A família toda espremida entre nozes, castanhas, perus, vinhos, pudins, pernis. Um desperdício de calorias. As mulheres reclamando de tanto serviço culinário. Desmentindo fofocas e inventando outras. Se ensaiassem, não imitariam melhor galinhas cacarejando. E a meninada correndo entre as mesas, atropelando os empregados. Um ali chora, engasgado com azeitona. Outro derrama vinho sobre a pomposa toalha branca de tricô. Tapas da mãe e mais choro misturado ao inferno de gargalhadas, arrastar de cadeiras, talheres. Entre os homens, apenas olhares respeitosos e conversa calma. Esta calma, vinda do tédio: a repetição de rostos e assuntos. Para sempre cair numa lerteza solene. Os que se julgam mais sérios tentam frases de efeito: “se o Brasil não melhorar nesta década, nunca mais!”; “brasileiro é preguiçoso, malandro, querem votar — precisam é de trabalho no lombo!”. Nestes momentos, para alguns, já na sétima dose de vinho, é impossível conter um risinho debochado. Arrotos se seguem. Piadinhas de salão. As gargalhadas do Juca cuspidas nos pratos

dos outros. Vovô esconde a pinga do Múcio, quase tonto. Discussões, insistência, nervosia, a turma do deixa-disto, hoje é natal, etc. Um peido sonoro ressoa pela sala. Após a sobremesa, as primeiras cólicas, diarréias. Correria aos banheiros. O de sempre: este ridículo.

Sentei ao lado do Luizinho, na escada. Papai Noel não te trouxe nada, bem feito — ele provocou. E você ainda acredita nisto? Besta demais: nem parece homem. Por que, por quê? — ele perguntava. Não existe esta marmelada de Papai Noel, otário. Seu pai é quem compra os presentes. Nem percebi quando começou a chorar. Só o vi correndo: mãe, o Arnaldo... Indignação geral. Tia Júlia veio correndo. Queria me pegar pela orelha, vejam só. Levantei vermelho, a garganta ardendo. Falei e repito — berrei — não existe! Todos os olhos em mim. Empurrei a porta da rua e saí. Para que ouvir a gesticulação boçal deles? Aquela estupidez gordurosa. Tanta gulodice para mal disfarçar a apatia mútua. Gente conformada a se ver, sem o menor afeto. Triste.

Despenquei rua São Paulo abaixo. Acabei por encontrar o Marião na esquina do cine Tamoio. Rodamos às tontas, até baixarmos num boteco imundo da avenida Paraná. Quanto pior, melhor. Uma crosta de gordura me impedia de encostar o cotovelo na mesa. Da calçada vinha o perfume de um esgoto entupido. Sobre os azulejos das paredes, posters de mulheres nuas. Um mulato, com uma garrafa de cerveja entre os braços, cochilava sobre o balcão. Às vezes, levantava a cabeça e, sem abrir os olhos, murmurava algo enrolando a língua. No ritmo de um batuque em caixa de fósforo, duas crioulas reboavam e riam banguela. E perto da saída, enorme poça-d'água refletia o sufoco de edifícios da cidade. Volta-e-meia, outro mulato, gordo, em camiseta branca, cuspiu nela. Os edifícios desmoronavam, num alívio, para se refazerem imbatíveis. Enquanto não cuspiu, o gordo esfregava a mão direita na coxa esquerda de uma loura oxigenada. Que não olhava nem para ele, nem para a rua, nem para lugar nenhum.

Bebemos e fumamos até rachar. Após quatro meses de aluguel atrasado, ameaçavam despejar a república. Marião



Ilustração: Paulo Roberto Barbosa

jurava ir para debaixo da ponte — voltar para casa, nunca. Aprovei. E Rita, afinal, mandara notícias. Ele feliz. Dois meses desaparecida. Agora morando em apartamento no Rio, com um grupo de músicos. Mas exigia: nada de endereço aos pais, sempre indagando. Já o Jonas, fugira para Canoa Quebrada. Lucinha, grávida, estava desesperada. Só porque ele sumira? — perguntei. Antes fosse: acabara se suicidando, um tiro na cabeça.

Bebi mais. No contorno da garraga, o reflexo do meu rosto, deformado. Fiquei rindo para aquele rosto torto até não poder mais. Como se não acreditasse nele. Saímos tarde. Marião ficou na rua Tupis. Um quarteirão depois, peguei uma pedra no chão e atirei com raiva contra uma vidraça. Só parei de correr bem longe, quando alcancei o ponto de ônibus. As pernas e a cabeça doíam, pesadas do porre. Queria apenas chegar logo em casa e cair como pedra na cama.

Perto do Maleta, alguém sentou ao meu lado, num solavanco do ônibus. Mulher. Afobada, remexia a bolsa. Como se corresse perigo iminente. Por fim, retirou um lenço amarelo. Notei, então, seus olhos vermelhos e pelo rosto, lágrimas.

Virei para a janela: nada de indiscrição. Mas uma mão fria segurou meu pulso direito. E fraca, uma voz:

— Tudo bem? — ela disse.

— Tudo.

— Vai descer antes ou depois da Capivari?

Depois, expliquei. E cruzei os braços, livrando-me daquela mão.

— Ótimo — exclamou — imagine: você acaba de me salvar.

Sorri de besta, concordando. Claro: seguiam-na. Olhei para trás. Apenas casais sonolentos, sem suspeita. E ela ali, enxugando os olhos. Mais uma maluca de cidade grande, alguma paranóica gratuita. É fogo: um dia destes e ainda esta. Só no natal. E feia de arrepiar. Cabelos duros e vermelhos. Sardenta. O emaranhado de veias azuis sob a pele branqueada. Para completar: mais magra, impossível. Nas extremidades dos ombros,

as pontas dos ossos. Pernas mais finas que os braços. O peito, uma tábua. Salvava a idade: seus vinte anos, por aí.

— Cara de quem comeu e não gostou — ela disse, guardando o lenço.

Olhei em volta.

— O trocador ali? — indaguei.

— Você. É a namoradinha que esqueceu o presente, hem?

Quem cala, consente. Olhei para o chão. “Namoradinha”: vinte anos e parecia falar de algo remoto. A tia solteirona que faz troça do sobrinho. Era deixar correr.

— Voltando de lá?

— Lá onde?

— Da casa de sua namorada, é claro.

— Isto mesmo.

— Ah, eu sabia. A uma hora destas, no natal, todo moço só pode estar voltando da casa da namorada. Beijinhos, nozes, vinhos, gente alegre e música. Garanto que ela é assim... morena, olhos grandes e negros, destas que já estão usando mini-saia. Adivinhei?

— Na pinta.

— Viu? Você tem mesmo cara de preferir morenas — convenceu-se, num sorriso logo retraído — E qual o nome dela?

— Nome? Bom... — Marina, Cristina, Adriana ou Mônica.

Arrisquei:

— Aristolina.

— Nossa!... Estrangeiro?

— Nada. Os pais dela tem mania por nomes antigos.

Ficou olhando a chuva fina escorrer pelos vidros. Descia por ali um filete d'água, e ia empoçar o corredor do ônibus.

— Sabe de uma coisa? — ela disse.

— Hum.

— Tenho um irmão com nome de Aristófeles. A-ris-tó-fe-les. Este nem dá apelido, né?

— Parece nome de inseto.

— Pois é. Meu pai quem quis. Mas ele não gosta de nome antigo nem nada. Foi de propósito, o nome mais feio que pôde inventar. E tudo porque, como diz, nunca viu cara mais horrorosa que a do meu irmão quando nasceu.

No Beco do Cura um cão mordida e rasgava furioso vários papéis azuis de presente. Uma lata-d'água, embaixo de uma calha, transbordava. De repente, descobri um certo calor daquela perna magra, junto à minha.

— Seu pai é que deve ter cara de cachorro leproso — eu disse.

Ela me encarou, arregalou os olhos. Tentei.

— Quer dizer...

Sorriu. E abaixou o rosto, um pouco corada.

— Deixa pra lá. Nem vale a pena. Ele, já até vi, meses atrás se esfregando noutra mulher, perto da rodoviária. Quis fazer um escarcéu. Mas jurei contar tudo à mamãe.

— E aí?

— Tive medo dele me agredir.

— Não ligue, não. Meu pai também — menti — igualzinho ao seu.

— Verdade?

— Verdade. Com as empregadas. Eu já estava careca de ver, entende? Então, tirei umas fotos. Mostrei para a família toda. Um escândalo. Exigiram dele o desquite. Ele implorou perdão à mamãe, ajoelhado e tudo.

— E depois?

— Endireitou. Chega em casa cedo, só sai com mamãe e comunga todo domingo.

Rimos os dois. Sua bolsa acabou caindo embaixo da cadeira. Agachei rápido. O fecho abriu e pulara um papel com endereço e horário de uma festa de natal.

— Está vindo de alguma ceia também?

— Uma reunião — respondeu arrastado, aborrecida — Amizades... desde menina. Mas saí logo.

Bobagem insistir: se quisesse se abrir, bem. Fiquei observando seu rosto: além de magro, era amarelo e doentio.

— Sabe quando te tratam — ela disse — com muito cuidado? Você sente no ar, um clima assim para tornar sua presença suportável, entende?

— Mais ou menos.

— É no jeito de conversar ou de olhar. Sei lá. Mas, de repente, acabam te mantendo calada, ouvindo caso de gente desconhecida. Não dá.

Ela olhava o vazio de umas cadeiras desocupadas. Imóvel. Aquilo parecia parte de uma constatação fatal.

— Entendo — eu disse.

— Pois então — repetiu — larguei de mão.

O ônibus cruzou a rua Palmira. Ela levantou assustada. Deu o sinal e me puxou pelo braço.

— Vai comigo até em casa? Por favor, meu pai me mata...

Descemos correndo. Minha casa ficava perto e o vento frio curaria o porre. Ela andava a uma distância cuidadosa. Desconfiada, desviava o olhar atento à rua, para me controlar. Quanto mais subíamos, mais parecia tensa. Mordia as unhas ou coçava com força o braço esquerdo.

Parou de súbito, e encostou numa árvore.

— Você não tem medo? — ouvi.

Nas ruas vazias, a escuridão era densa e sem forma. Nenhum policiamento por causa do feriado. E a favela ali, encostada.

— Não tem perigo. É só irmos pelo meio da rua.

— Não. Estou falando de outro medo.

— Outro?

— Outro. Um medo da gente mesmo.

— Como? Assim...

— Assim de você. Um medo de se afundar demais no seu lado obscuro. Até se acomodar nele. Afogando, sem saber.

Pés de sapato, panos, vidros e pedaços de papelão desciam na enxurrada. Um quadro de miséria, calamidade pública. Mas, quando meninos, minha irmã e eu nos divertíamos, pescando estes trapos.

— Faz um ano hoje que o paizinho morreu — murmurou.

— Seu pai, então...

— Não, nada disto. Paizinho era um velho lá da rua: seu Ari. Vinha sempre jogar dominó comigo, depois da escola.

Bateu um vento frio. Fechei a jaqueta, ela abraçou a bolsa contra o peito.

— Pai nunca brincou conosco. Mal distinguia a voz dele direito, acredita?

— Puxa.

— Sabe o que o paizinho dizia? Olha, menina, gente é um rio correndo numa margem só. Bonito, né?

— Bonito.

— As vezes, fico com este troço: medo de nunca conseguir viver o outro lado. Não dá em você?

Lembrei do Jonas, em Canoa Quebrada. A nuca pesou além da cerveja pesando. Olhei para o céu. Cinza compacto. Um quase-luto.

— A lua podia aparecer hoje — eu disse.

Agasalhei a mão direita, revirando o bolso. Uma moedinha gelada. Esfreguei-a devagar — até ficar morna.

— Não podia? — repeti.

Olhou o céu, também. Nuvem, um urubu cochilando no poste telefônico. Fez sim com a cabeça. Abriu a bolsa e começou a procurar algo.

— Vem cá — ela disse.

Aproximei. Mostrou uma carteira de identidade. No retrato, uma moça sorridente, rosto redondo com duas covinhas laterais.

— Amiga sua?

— Eu mesma.

— Mas.

— Emagreci muito. Vinte e seis quilos. Desde que fui operada, há dois meses.

Pensei no tio Mário. Custei a reconhecê-lo, quando morreu: mais magro que uma sombra. Três meses de câncer.

— Operação de quê?

— Coração.

Um mês antes do tio Mário morrer, visitei-o em casa. Só falava na filha, no cargo de promotor no fórum, planos e planos para quando saísse dali. De mais a mais, aquela úlcera era o de menos, certo? Claro, claro.

— Problema de coração emagrece tanto? — perguntou.

— Emagrece, às vezes.

— Lá em casa, vivem repetindo — um nome esquisito...
convalen-

— Convalescença.

— Isto.

— Mas quem fala nisto lá?

— Ninguém assim, quer dizer: meu pai.

— Seu pai.

— É. Meu pai.

Olhei-a nos olhos. Depois abaixei a cabeça. Senti uma falta de assunto definitiva. Ela guardou a carteira, sem pressa. Suspirou. E ficamos ali bom tempo, eu a esperando.

— Vamos? — ouvi.

E virou, como se tivesse levado um susto. Pôs-se a andar tão rápido, que custei acompanhá-la.

Era uma casa antiga, muro alto, portão colonial. Esperei-a. Fora ver se a porta da sala estava aberta. Do contrário, teria que acordar o pai. Ele era terrível, repetia. Proibira-a de sair. O que iam falar por aí, vendo-a tão abatida. Controlava-a em tudo. Se ainda chegasse sozinha, estaria perdida. Por via das dúvidas, meu nome era Roberto, irmão da Sandra, sua vizinha.

Voltou. Tudo em ordem. Agradeceu. Já trancava o portão. Era agora ou nunca, pensei. Romper a farsa. Cara a cara.

— Espere — eu disse.

Ela largou o cadeado, assustada. Abri a boca. Não saiu nada. Afundei as mãos nos bolsos. Chutei uma pedra.

— O que é?

A enxurrada era menor, mas ainda desciam trapos. Desciam.

— Você — eu disse — ainda não...

Seus olhos: descorados, mais úmidos do que a calçada, o muro da casa. Uma enxurrada, para qualquer um ver. O que mais?

— Ainda não — gaguejei — não sei o seu nome.

Ela pegou de novo o cadeado, apertando-o entre os dedos. Sorriu um sorriso fraco. Como se, por um instante, se sentisse livre. Ou como se expressasse uma inutilidade. Insisti. E também pedi o telefone.

— Elisabete.

— E o telefone?

Guardei. Trancou o portão e subiu a escada, sem ruído.

Andei devagar. Quando dobrei, enfim, a esquina, pude notá-la ainda me observando sobre o muro. Sorri. Pulei numa poça, esparramando água por todos os lados. Moleque. Chutei toco, espantei um gato, lambuzei-me. Olhei com emoção para os prédios, casas em silêncio, janelas apagadas. A cidade. E as pessoas, sem notar, dormindo dentro de um presente.